

**ARQUIVO PARTICULAR JÚLIO DE CASTILHOS:  
CARTAS, BILHETES E ANOTAÇÕES PESSOAIS COMO FONTES HISTÓRICAS**

Rejane Silva PENNA\*

Cleusa Maria Gomes GRAEBIN\*\*

**Resumo:** Documentos de uso privado, como cartas, embora sempre tenham sido usados para ler o passado, apenas nos últimos anos foram consideradas fontes com grandes possibilidades de serem objetos da pesquisa histórica. Inserindo-se nessa perspectiva, o Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul passa a disponibilizar ao público um novo acervo, denominado “Arquivo Particular Julio de Castilhos”, em memória do líder republicano rio-grandense, que adquiriu projeção nacional no período da República Velha. Agrega documentação de caráter íntimo, que, em uma primeira análise, revela a intensa atividade política e familiar, entre o final do século XIX e o início do século XX. A partir da organização e disponibilização dessa documentação, discute-se a potencialidade das correspondências como fontes históricas, chamando a atenção de que são portadoras de saberes e vivências, portanto, carregadas do tempo da experiência — descontínuo e fragmentado. Este tipo de abordagem permite uma melhor compreensão do passado, uma humanização dos chamados “grandes personagens” e a recuperação dos cotidianos.

**Palavras-chave:** Memória, história política, Arquivos Particulares

**PRIVATE ARCHIVE JULIO DE CASTILHOS:  
LETTERS, CARDS AND PERSONAL NOTES AS HISTORICAL SOURCES**

**Abstract:** Documents for private use, such as letters, but have always been used to view the past, only in recent years were considered sources with great potential to be objects of historical research. Inserting in this perspective, the Historical Archive of Rio Grande do Sul is to provide the public with a new collection called "Private Archive Julio de Castilhos," Rio-Grandense Republican leader, who acquired national projection for the period of the Old Republic. Add documentation of intimate character,

---

\* Rejane Silva Penna é Doutora em História (PUCRS). Historiógrafa do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Membro da Comissão Central de Avaliação de Documentos - CCAD. Porto Alegre/RS- Brasil. E-mail:rejanepenna@uol.com.br

\*\* Cleusa Maria Gomes Graebin é Doutora em História (Unisinos). Coordenadora e professora do Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais (Unilasalle); professora do curso de História (Unilasalle). Coordenadora do Museu e Arquivo Histórico La Salle (Canoas).

which in a first analysis, reflects the intense political activity and family, between the end of the nineteenth century and the beginning of the twentieth century. From the organization and provision of documentation, we discuss the potential of historical sources such as matches, drawing the attention that they are carriers of knowledge and experiences, therefore, the load time of the experience - discontinuous and fragmented. Such an approach allows a better understanding of the past, a humanization of the so-called "big characters" and the recovery of everyday.

**Key words:** Memory, history politics, Private Archives

### **Introdução**

O Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul é uma instituição pública da Secretaria de Estado da Cultura que, desde 1903, vem mantendo sob sua custódia documentos que remontam ao século XVIII, retratando a vida política, administrativa e econômica do Rio Grande do Sul.

Além da documentação proveniente das várias funções exercidas pelo governo Estadual (planejamento e administração pública, distribuição de terras, aldeamento e catequese indígena, policiamento e repressão, assuntos jurídicos, militares e religiosos, entre outros), destacam-se também os arquivos particulares. Constituem-se em conjunto de documentos recebidos, através de doação ou compra, relativos a personagens com desempenho significativo na história gaúcha, como Borges de Medeiros, Pinheiro Machado, João Neves da Fontoura, Francisco Brochado da Rocha e Alfredo Varela, entre outros.

A partir de 2009, um novo acervo passou ser disponibilizado ao público, concluída a sua organização e elaboração do Meio de Busca. Pensamos que tem a potencialidade de rediscutir e iluminar vários aspectos da história política, não apenas do Rio Grande do Sul, mas também do Brasil e parte da América Latina. Trata-se do "Arquivo Particular Julio de Castilhos".

Figura essencial à compreensão da conturbada organização do estado republicano no sul do país, Julio de Castilhos nasceu no dia 29 de junho de 1860, falecendo prematuramente em 1903, quando ainda dominava o cenário político do Rio Grande do Sul, incentivado por correligionários a colocar seu imenso prestígio na disputa à Presidência da República. Uma das teses para delinear o perfil do líder republicano remonta ao avô materno, estancieiro de prestígio que foi chefe farroupilha e deputado à Assembléia Constituinte da República Rio-Grandense. Logo, a tradição

familiar inculcava em Julio de Castilhos a idéia de República, acentuada em sua estada no Colégio do professor Fernando Gomes, republicano convicto e também descendente de herói farroupilha.

Nem o rosto marcado pela varíola, contraída aos quatorze anos de idade, ou a gagueira, que o fazia ter dificuldades nos exames orais, impediu-o, desde cedo, a exercer uma liderança como redator de jornais, incendiários no movimento republicano ou implacáveis aos inimigos, quando exerceu o poder<sup>1</sup>. Impôs forte marca na estruturação do estado republicano gaúcho ao redigir sua primeira constituição, em que o Poder Executivo, hipertrofiado, mal disfarçava a autodenominada “ditadura científica”, legado da doutrina positivista. Segundo Julio de Castilhos e seus seguidores, desta vez o poder seria exercido através da orientação teórica que iluminaria a prática, legitimando todos os mandos e desmandos como fruto, não de desejos pessoais, mas ambicionando o benefício de toda a sociedade, a despeito dela mesma.

## **2. A formação do acervo denominado “Arquivo Particular Julio de Castilhos”**

### 2.1 Histórico e conteúdo do acervo

A figura histórica de Julio de Castilhos já havia aberto inúmeras possibilidades de pesquisas relacionadas a diferentes aspectos políticos, econômicos e sociais da criação e consolidação republicana no Brasil. Não apenas pelos documentos oficiais tradicionais, mas pela copiosa correspondência que marcava todos os seus atos. O pesquisador interessado em trabalhar com fontes históricas pode contar, por exemplo, com a Coletânea de Cartas de Júlio de Castilhos escritas a sua esposa D. Honorina<sup>2</sup>, bem como de bilhetes escritos de próprio punho por Júlio de Castilhos ao Dr. Borges de Medeiros<sup>3</sup>.

O novo acervo, denominado “Arquivo Particular Julio de Castilhos”, agrega documentação de origem desconhecida, mas que, por suas características de caráter muito íntimo (inúmeras correspondências com familiares próximos como pai, mãe, filhos, irmãos, etc..., além de correligionários políticos, em número elevado, e intensa correspondência com seu secretário Aurélio Virissimo de Bittencourt, bem como notas de despesas pessoais, anotações, etc...), pressupõe-se ter pertencido ao próprio Julio de Castilhos. Sabe-se que estava guardada há, aproximadamente, vinte e cinco anos

na cidade de Petrópolis/RJ, quando foi doada por familiares, no ano de 2002, à Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul.

Originalmente o acervo compunha-se de objetos e documentos escritos, tendo sido realizada uma divisão de acordo com as características e funções das instituições designadas para a sua guarda, segundo disposições da direção cultural do Estado, no período. Ao Museu Julio de Castilhos coube a parcela referente aos objetos e ao Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, a documentação escrita.

Lamentavelmente, a ordem original perdeu-se ao longo do tempo e no período da doação já era impossível reconstituí-la. Seu conteúdo, em uma primeira análise, revela a intensa atividade política no Rio Grande do Sul, entre o final do século XIX e o início do século XX, bem como a influência e liderança exercida por Castilhos, mesmo após sua saída da Presidência do Estado, quando permaneceu como Presidente do Partido Republicano Rio-Grandense até sua morte, em 1903.

Uma primeira leitura da documentação revela a articulação entre a política local e as grandes lideranças, principalmente por ocasião de eleições em diversas instâncias, além do planejamento das relações para além do Rio Grande do Sul. No nível pessoal destaca-se a relação com as filhas, os pais, noras, genros e a esposa, revelando o cotidiano do político. Nesse âmbito também se encontra uma grande variedade de registros doméstico, tais como contas a pagar, pedidos de dinheiro e, inclusive, diversas receitas de amigos para curar a doença que acabaria por vitimá-lo.

De grande utilidade para compreender a personalidade do líder são as numerosas correspondências e documentos pertencentes ao seu pai, Francisco, falecido quando Julio de Castilhos ainda era criança, bem como as correspondências de sua mãe, Carolina, tanto com Julio, como com seus outros filhos e parentes, que permitem questionar a imagem da mulher confinada a sua casa, pois demonstram uma vivência muito ativa na administração da sua fazenda.

O estado dos documentos é variado, mas, levando-se em consideração a fragilidade do seu suporte, o papel, que mesmo recebendo tratamento adequado ainda sofre a ação de agentes que o danificam, iniciou-se um trabalho de transcrição de toda a documentação, para posterior publicação e/ou disponibilização virtual.

## 2.2 A organização da documentação

Além dos funcionários regulares do Arquivo Histórico, atuaram no trabalho diversos colaboradores voluntários, com níveis de participação que foram desde a

transcrição de algumas correspondências, até a discussão da forma de organização do Fundo<sup>4</sup>.

Sucintamente, descreveremos as operações do arranjo do Arquivo Particular Julio de Castilhos:

- a) organização dos documentos, uns em relação aos outros;
- b) as séries, umas em relação às outras, algumas com respectivas subséries;
- c) numeração de identificação aos documentos;
- d) colocação em maços e caixas;
- e) ordenação nas estantes,
- f) Elaboração do Meio de Busca

O nível de descrição é definido como Arquivo Particular, com séries e subséries, tendo a dimensão e suporte de 2,7 metros lineares, com 17 caixas-arquivo, contendo os maços de documentos. O período abrangido pela documentação compreende desde as primeiras décadas do século dezanove até 1903. Um pequeno grupo de documentos transcende esta data final e foram agrupados como “Documentos Post-Morten”.

O critério utilizado para organizar a documentação em séries e subséries foi temático ou tipológico. Levando em consideração que as correspondências, bilhetes, recortes etc. mesclavam diversas procedências e interesses, optou-se por organizá-los em séries relativas a grandes temas. Dentro de cada série, quando necessário, para facilitar a consulta, ocorreram subdivisões em subséries. Foi o caso, por exemplo, da série “Correligionários”, que reúne o maior número de correspondências e documentos, e “Assuntos Familiares”. Nos dois casos, quando algum indivíduo destacava-se pelo número de contatos ou por sua significativa importância, configurou-se uma subsérie. Devido ao singular papel do secretário particular de Julio de Castilhos, Aurélio Viríssimo de Bittencourt, a documentação relativa a ele transformou-se em uma série.

Optamos por não efetuar descritores da documentação, à medida que a quase totalidade dos escritos misturavam diferentes assuntos. O destaque a alguns poderia prejudicar as possibilidades de pesquisa de outros, bem como o sumário de todos os assuntos seria inviável em boa parte dos casos.

Abaixo, relacionamos as séries e subséries, com uma sucinta explicação de seu conteúdo:

**Série 01: Assuntos de Estado**

[Documentos relacionados a assuntos e personagens em âmbito público]

Subsérie 01: documentos recebidos

Subsérie 02: correspondência recebida

Subsérie 03: correspondência enviada

**Série 02 : Assuntos Familiares**

[Correspondências, bilhetes e documentos tratando de temas familiares entre Julio de Castilhos e seus parentes ou apenas entre seus parentes. As subséries são nominadas pelo personagem que envia ou recebe correspondências, bem como é mencionado nos documentos]

Subsérie 01: CASTILHOS, Francisco Ferreira de - Correspondência recebida

Subsérie 02: CASTILHOS, Francisco Ferreira de - Correspondência enviada

Subsérie 03: CASTILHOS, Carolina Prates de - Correspondência recebida

Subsérie 04: CASTILHOS, Carolina Prates de - Correspondência enviada

Subsérie 05: CASTILHOS, Carolina Prates de - Documentos

Subsérie06: CASTILHOS, Honorina de - Correspondência recebida

Subsérie07: CASTILHOS, Honorina de - Correspondência enviada

Subsérie08: CASTILHOS, Honorina de - Documentos

Subsérie 09: SILVA, Firmino de Paula e - Correspondência enviada

Subsérie 10: SILVA, Firmino de Paula e - Correspondência recebida

Subsérie11: Correspondência entre diversos familiares

Subsérie12: Documentos

**Série 03: Atas, Manifestos e Panfletos**

[Documentos de registro, propaganda ou opinião política]

**Série 04: Cargos, Provimentos e Solicitações**

[Correspondências com a finalidade principal de pleitear e/ou preencher cargos públicos]

Subsérie 01: recebidos

Subsérie 02: enviados

**Série 05: Assuntos Privados Julio de Castilhos**

[Documentação relacionada estritamente a interesses pessoais de Julio de Castilhos]

Subsérie 01: Correspondência enviada

Subsérie 02: Correspondência recebida

Subsérie 03: Recibos e Notas

**Série 06: Conflitos e Sedições**

[Documentação que trata da movimentação de episódios de convulsão social]

**Série 07: Telegramas**

[Exclusivamente telegramas de caráter político. Em sua maior parte concentrados em determinadas datas. Ex.: telegramas enviados por Julio de Castilhos por ocasião do término de seu mandato de Presidente do Estado]

Subsérie 01: recebidos

Subsérie 02: enviados

Subsérie 03: entre correligionários

**Série 08: Correligionários**

[Correspondências e documentos que tratam da comunicação política entre Julio de Castilhos e membros do PRR (Partido Republicano Rio-Grandense) ou entre eles. As subséries são nominadas pelo titular que envia e recebe correspondências]

Subsérie 01: Correspondência recebida (1876 a 1903)

Subsérie 02: Correspondência entre correligionários (1884 a 1903)

Subsérie 03: Correspondência enviada

Subsérie 04: Diversos

Subsérie 05 - AMARAL, Evaristo Teixeira do - Correspondência enviada

Subsérie 06 - AMARAL, Evaristo Teixeira do - Correspondência recebida

Subsérie 07: COSTA, Cherubim da.: Correspondência enviada

Subsérie 08: COSTA, Cherubim da - Correspondência recebida

Subsérie 09: LEITÃO, José Montaury de Aguiar - Correspondência enviada

Subsérie 10: LEITÃO, José Montaury de Aguiar - Correspondência recebida

Subsérie 11: MACHADO, José Gomes Pinheiro - Correspondência enviada

Subsérie 12: MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de - Correspondência enviada

Subsérie 13: MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de - Correspondência recebida

Subsérie 14: PAROBÉ, João José Pereira Correspondência enviada

Subsérie 15: PAROBÉ, João José Pereira - Correspondência recebida

Subsérie 16: PORTO, José Bento - Correspondência enviada

Subsérie 17: PORTO, José Bento - Correspondência recebida

Subsérie 18: MACHADO, Salvador A. Pinheiro - Correspondência enviada

**Série 09: Aurélio Viríssimo de Bittencourt Junior.**

[Correspondências trocadas entre Aurélio Bittencourt, Julio de Castilhos e diversos correligionários. Também inclusas as correspondências ditadas por Julio de Castilhos a seu Secretário].

Subsérie 01: Correspondência enviada

Subsérie 02 : Correspondência recebida

Subsérie 03: Correspondências enviadas em nome de Júlio de Castilhos.

**Série 10: Folhetos e Jornais**

[Fragmentos de periódicos e folhetos]

**Série 11: Cartas de Pêsames**

[Correspondências, cartões e bilhetes expressando pêsames pela morte de Julio de Castilhos]

**Série 12: Assuntos Diversos**

[Documentação de caráter diversificado, até 1903]

**Série 13: Documentos post-mortem**

[Documentação de caráter diversificado, pós 1903]

**Série 14: Imagens**

[Fotografias, postais, etc.]

**3. Algumas possibilidades de utilização deste tipo de acervo**

Os arquivos históricos contemplam o registro da experiência humana em atas, jornais, proclamações, registros, fotografias, diários, vestígios orais e visuais - enfim, toda aquela gama de elementos que são a matéria-prima para discutir o que já foi estabelecido ou reconstruir de outra forma trajetórias de grupos, cidades, pessoas e acontecimentos. Se o historiador, formado ou não, esquecê-los, privilegiando a representação contida nos livros (indispensáveis, mas não autoformadores e autosuficientes) as lacunas permanecerão, tanto na sociedade, como na formação dos futuros professores. Nesse sentido, Stephanou refletiu que:

O acontecimento pronto e acabado, que sempre compõe uma imagem que ambiciona abranger a totalidade do processo, deve ser decomposto para denunciar aos espectadores o arbítrio de sua construção<sup>5</sup>.

Sabe-se que hoje, na área das Ciências Humanas, a própria exigência dos temas de que se é obrigado a tratar leva a uma revisão não só do corpus, nosso objeto de trabalho, mas também dos instrumentos metodológicos de investigação e de pesquisa<sup>6</sup>.

Uma pesquisa alicerçada quase exclusivamente na bibliografia esconde produções e reproduções de “verdades históricas”. Muitas vezes, livros supostamente favoráveis a segmentos desfavorecidos da sociedade carregam estereótipos<sup>7</sup>, conforme observou Magali Engel em sua análise de livros didáticos. Ao comparar o episódio “Revolta da Vacina”, ocorrido no início do século XX, em livros destinados à oitava série da coleção História e Vida integrada, de Nelson e Claudino Piletti, verificou que a descrição guardava proximidade com a imagem da população como bando feroz veiculada por Olavo Bilac na crônica intitulada “A revolta da vacina”, publicada na *Gazeta de Notícias* em 1904<sup>8</sup>.

É relevante também recuperar a reflexão de Munakata<sup>9</sup> sobre o processo de produção do livro didático, expondo as lutas e escolhas envolvendo concepções sobre história e ensino de história que precederam a forma final de cada um deles na Campanha do Livro Didático e Manuais de Ensino (Caldeme), instituída por Anísio Teixeira quando este assumiu o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep) em 1952<sup>10</sup>.

O campo do conhecimento histórico, mais do que qualquer outro, necessita de que as fontes primárias, contemporâneas do objeto estudado, sejam descobertas ou revisitadas, do contrário parte importante de nossa história continuará repousando, sem ser tocada pelo presente, nas instituições da memória, como os arquivos históricos.

Tratando-se das fontes objeto deste artigo, usualmente a historiografia sul-riograndense tem apresentado Júlio de Castilhos como homem público, hábil político, implacável com os inimigos e benfeitor de amigos e correligionários. Mesmo a partir de diversos aportes teóricos alicerçados, em grande parte, nos escritos políticos sobre e de Castilhos, há eixo transversal que perpassa os diferentes estudos históricos, o qual enfatiza o carisma e a importância de Júlio de Castilhos para a construção do Rio Grande do Sul republicano.

Os primeiros contatos com as correspondências já revelavam suas características ao mesmo tempo, íntimas e públicas, pessoais e relacionais. Com o decorrer do trabalho de transcrição e organização do acervo, a leitura mais apurada mostrava redes de sociabilidade esboçadas através de prática de relacionamento pessoal, social e político marcado nas cartas, bilhetes e telegramas. São indícios de acontecimentos, testemunhos materializados de afetividades, conflitos, trocas intelectuais e práticas políticas, indicando, como afirma Prost, que “essas folhas que dormem há tanto tempo conservam o traço de existências múltiplas, de paixões hoje extintas, de conflitos esquecidos, de análises imprevistas, de cálculos obscuros”<sup>11</sup>.

Assim, destaca-se da coleção de correspondências de Júlio de Castilhos, principalmente, outros subsídios e informações inéditas que se oferecem ao historiador. Conforme Camargo, uma correspondência permite “rastrear, identificar, analisar o modo como, através das cartas enquanto prática escrita [...], uma realidade social é construída, pensada, dada a ler e materializada”<sup>12</sup>. Especificamente, possibilita que nos aproximemos da humanidade de Júlio de Castilhos, cujos relatos, bem como de seus amigos, familiares e correligionários, constrói coordenadas para a análise de saberes, vivências pessoais, cotidiano, contexto sociopolítico e papéis

desempenhados por inúmeros personagens na realidade do Rio Grande do Sul das primeiras décadas republicanas.

Primeiramente, devemos ter presente que uma carta não é apenas um veículo que propicia encontro de pessoas fisicamente distantes, ao circular informações. A natureza e o conteúdo das cartas produzem sensações, mexem com o estado emocional tanto do autor quanto do destinatário. Prazer, ansiedade, tristeza são alguns dos sentimentos presentes no ato de redigir e trocar cartas, prática esta tão antiga que, mesmo hoje, substituída pelo contato virtual, ainda produz impactos diversos.

Pesquisadores que se debruçaram sobre as correspondências – documentos típicos dos arquivos privados - observam que, quando preservadas, permitem alimentar a esperança de tornar o passado legível, tocar o que de real restou de um tempo pretérito, vivendo a sensação de atingir de forma definitiva e próxima os testemunhos do passado<sup>13</sup>.

Seguindo a mesma reflexão, no caso de cartas, percebem-se práticas de escrita de si que podem evidenciar como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão. Também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser “decomposto” em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho, etc.<sup>14</sup>. Na abordagem com fontes privadas, o deslocamento dos pressupostos consagrados nos procedimentos de crítica às fontes históricas, no que envolve questões relativas ao “erro” ou à “mentira”, é fundamental, pois deve-se abandonar a possibilidade de se saber uma suposta verdade dos fatos, pois não é essa a perspectiva do registro feito:

O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento. Um tipo de discurso que produz uma espécie de “excesso de sentido do real pelo vivido”, pelos detalhes que pode registrar, pelos assuntos que pode revelar e pela linguagem intimista que mobiliza. Algo que pode enfeitiçar o leitor/pesquisador pelo sentimento de veracidade que lhe é constitutivo, e em face do qual certas reflexões se impõem. Nesse sentido, o trabalho de crítica exigido por essa documentação não é maior ou menor do que o necessário com qualquer outra, mas precisa levar em conta suas propriedades, para que o exercício de análise seja efetivamente produtivo<sup>15</sup>

Todavia, certos cuidados devem ser especialmente tomados pelo pesquisador que aventurar-se a explorar fontes históricas privadas, tais como cartas e diários, considerando sua leitura leve, dramática ou divertida, ao contrário da maior parte das fontes provenientes de atos de instituições governamentais. A fragmentação peculiar às fontes históricas privadas, muitas vezes quase inacessíveis, pelas barreiras impostas por parentes ou deterioração dos documentos, exige uma série de procedimentos metodológicos, por parte do pesquisador, para que sua análise tenha maior rendimento, ou seja:

Em geral, além de serem fontes dispersas e fragmentadas, que precisam ser analisadas em séries, são de difícil leitura, sobretudo quando manuscritas [...]. A correspondência também exige vários cuidados e níveis de análise, que considerem desde sua materialidade – papel, letra, protocolos de leitura da carta – os códigos que definem o gênero epistolar – saudações, despedidas e assinatura -, até observações sobre suas formas de circulação e guarda, reveladoras da identidade de seu destinatário. Tudo isso para além das questões que remetem à montagem da rede de relações organizacionais e afetivas presente na correspondência”<sup>16</sup>.

Os pesquisadores que já se aventuraram com este tipo de recurso histórico recomendam que se deve observar o “lugar social” de quem escreve: a posição ocupada pelo missivista, num dado momento, no campo intelectual e político. Isso porque a correspondência pode estar voltada para um certo objetivo específico, embora não exclusivo, ou combinar de forma mais equilibrada algumas intenções.

Conforme já observado, as fontes privadas históricas, no caso as cartas, podem ser analisadas em vários aspectos. Pode-se apontar pelo menos três: no primeiro caso como instrumento de construção de redes, onde o fundamental é perceber um conjunto de relações que evidenciam um grupo organizado. Esse grupo pode-se estruturar em torno de uma ou mais figuras referenciais e ter objetivos comuns, que são mais ou menos discutidos nas cartas. No segundo caso, a ênfase seria no conteúdo, permitindo uma aproximação com circuitos informais de sociabilidade e que evocaria sentimentos, além da troca de idéias e favores”<sup>17</sup>.

No terceiro caso, as cartas – vestígios brutos de diálogos passados – emergem como objeto privilegiado para a investigação histórica. “Não mais a correspondência

como um texto de onde se podiam simplesmente extrair informações, mas as cartas analisadas a partir de seu suporte material, dos códigos sociais utilizados e das formas lingüísticas empregadas”<sup>18</sup>.

Além disso, há de se levar em consideração a complexidade da carta como documento que independe da sua natureza e conteúdo. As cartas foram escritas por pessoas que ali expressaram suas opiniões, afetos, conflitos, anseios, mas inseridos em um tempo e espaço determinados. Portanto, é necessário entender o produtor e o destinatário da correspondência imersos em um contexto histórico e social. Exemplificamos com transcrição de carta a seguir:

“Ilmo. Exmo. Sr. Dr. Julio Prates de Castilhos  
Digníssimo e Respeitável Sr.  
Confiado na bondade de V. Exa. vou por este meio a presença de V. Exa. apresentar –lhe os meus amistosos cumprimentos e a Exma. família; e pedir se digne tomar em consideração o que vou expor, certo de ser atendido por V. Exa. a pedido de Exma. Sra. D. Anna Martins da Costa muito digna sogra de Vossa Exa. e animado pelo distinto amigo e senhor Luis Carlos Massot: venho respeitosamente pedir a V. Exa. o adiamento por prazo indeterminado a entrada que a Exma. Sra. tem por obrigação tomada no dia 4 do corrente a quantia que é devedora: atendendo a dificuldade que encontra devido a crise por que estamos atravessando, que se dificultam a vendas de lotes coloniais: assim como por hipoteca em terrenos fora dos limites desta cidade, não encontrando-se capitalistas que aceitem a transação. Assim apelo a V. Exa. conseguir prorrogação do prazo certo de que não me descuidarei em colocar com a máxima brevidade o numero de lotes coloniais necessários pra o referido pagamento. [...]

Atendendo o estado mal de saúde da Exma. Sra. D. Anna , que se agrava pela a grande aflição em que se acha, por não poder no momento, cumprir com esse pagamento motivo porque levo ao conhecimento de vossa exa. para dar o limitivo de tão digna e respeitável Sra.

Queira desculpar a liberdade e franqueza com que me explico. Digne-se V. Exa. receber a certeza dos sentimentos de respeito e afeição com que tenho a honra de subscrever-me

De V.Exa.  
Atento venerador criado obrigado  
Franklin K. Barcelos<sup>19</sup>

Independente do drama que se percebe viver a sogra de Castilhos, devedora e sem condições de pagar suas dívidas, apelando, através de terceiro, para a compreensão do genro, cabe traduzir a realidade específica a partir da qual os personagens se colocavam. A compreensão do mundo em que viviam nos fornece elementos para trabalharmos determinado contexto histórico-social e interpretarmos como suas vidas foram conduzidas e quais as estratégias utilizadas para converter os acontecimentos a seu favor<sup>20</sup>.

Um segundo procedimento, ainda relacionado à contextualização, é dar atenção às palavras e expressões utilizadas nas correspondências, isto é, buscar seus significados no tempo e espaço nos quais foram produzidas. Exemplificamos com trecho de carta a seguir na qual sublinhamos duas expressões .

[...] Fiquei atônito, e se não fora a minha prudência pedindo um mil perdões, pois que não tinha tido a intenção de ofende-lo tratando apenas dos interesses do município a meu cargo, parece que teria sido expulso do seu gabinete. Ah! Meu grande amigo, *muito custa o cargo de imperador...* Peço, pois, a Vossa Excelência o grande favor de desfazer essa prevenção do Sr. Dr. Prates contra mim e o município de Caxias lhe agradecerá. [...]  
*Desculpe o cacete* e ordene ao Amigo grato, afetuoso e admirador José Cândido de Campos Junior.<sup>21</sup>

Não se pretende que o historiador exerça a função do filólogo, mas não se poderá aplicar parâmetros lingüísticos contemporâneos para fazer a leitura de documento do ano de 1900. As expressões “muito custa o cargo de imperador” e “desculpe o cacete” caíram em desuso e a palavra “cacete” tem conotações diversas na atualidade. A fonte não pode submeter o historiador, mas, sim, deve passar pelo olhar crítico de quem a utiliza e por uma correta contextualização.

Outra etapa é a avaliação do potencial das correspondências como fontes históricas, isto é, a qualidade das informações que poderão ou não fornecer. Deve-se ter presente que a carta, o bilhete e o telegrama não foram escritos para o historiador, mas para fazer contatos com pessoas distantes, manifestando desejos, conselhos, advertências, versões de fatos ocorridos, notícias e relacionamentos pessoais com parentes, amigos e, neste caso específico, com correligionários políticos. Essas informações constituem-se em testemunhos privilegiados para a reconstrução histórica, devendo ser analisadas tendo como pano de fundo a vida daquele que as produziu em tempo e espaço determinado.

Tratando-se da potencialidade das correspondências como fontes históricas, chamamos a atenção de que são portadoras de memórias de saberes e de vivências; portanto, estão carregadas do tempo da experiência — descontínuo e fragmentado. O autor, a partir daquilo que experienciou, seleciona os acontecimentos a serem escritos nas cartas, dando visibilidade a múltiplos cenários cujas imagens dão testemunho dos acontecimentos. Fragmentos da memória das lutas do período de implantação da República no Rio Grande do Sul reaparecem registrados nas cartas de forma quase mística, revelando a tessitura de sentimentos afetivos, de práticas militantes e construção de verdades:

“Seria indignamente injusto e mesmo extravagante pretender fazer recair sobre a vossa cabeça os crimes até hoje cometidos pelos pretensos diretores dos vossos destinos, sobre tudo pelo miserável que vos honrou com seu mesquinho ódio pessoal. É justamente o contrario disso que eu vos quis dizer e que vos deve ser dito incessantemente. Muito poucos homens, repito, tem tido no Brasil o vosso prestígio, e menor numero ainda tem tido a grande responsabilidade que pesa sobre os vossos ombros, por mais frágeis que os reputeis. É essa umna situação que não foi propriamente criada nem por vós e nem por nós, mas sim pela marcha natural dos acontecimentos . Sabeis perfeitamente que a responsabilidade de um individuo qualquer cresce com o grau de confiança social que ele tenha sabido impor. A hierarquia social ou política é um atestado vivo de semelhante verdade. [...] Em desamor de regimen republicano, a conduta dos vossos politikeiros, sem exceção de um só, tem sido de tal natureza que se esses individuos estivessem empanhados em desacreditar e comprometer a Republica, eles não teriam tido outro procedimento diferente do que realmente têm tido. Alheios a toda convicção ou sentimento republicano o único pensamento que os domina é a posse das posições, encaradas como meros objetos da mais torpe cobiça. Essa é a tristissima verdade applicavel a todos, chamem-se concentrados, biribistas ou qualquer outra extravagância de igual jaez. Pois bem, no meio desta desordem toda vós sois o estadista republicano que resume as esperanças da Pátria livre. [...] E deveis compreender que esses títulos são bastantes para motivar a confiança que os verdadeiros republicanos depositam em vossa pessoa, como o único capaz de encaminhar a Pátria para os seus gloriosos destinos”.<sup>22</sup>

As correspondências se constituem, também, como memórias de cultura e paixão política as quais foram alimentadas pelas vivências e experiências de vários

personagens que ao assumir determinados papéis marcaram uma época — a do Rio Grande do Sul castilhista.

Chamamos, ainda, a atenção para a seguinte questão: o que acontece com o historiador ao proceder a leitura das correspondências? Há um espaço existente entre o que foi escrito e o que estamos lendo. O texto tem um conteúdo que ao ser lido produz efeitos, portanto, sua leitura é marcada pela produção de sentidos. Chartier afirma que a relação entre leitor e leitura “supõe uma multiplicidade de mediações e de intermediários entre as palavras anunciadas e a página impressa”<sup>23</sup> (2001, prólogo). A forma de apreensão de sentido é articulada à *utensilagem mental* do leitor que Chartier diz ser definida pelo “estado da língua, no seu léxico e na sua sintaxe, os utensílios e a linguagem científica disponíveis, e também esse suporte sensível do pensamento que é o sistema das percepções, cuja economia variável comanda a estrutura da afetividade”<sup>24</sup>.

#### **4. Últimas observações**

O historiador precisa estar vigilante para, ao tentar desvendar os hábitos mentais dos personagens relacionados às correspondências, não se deixar levar pelos seus próprios hábitos e maneira de pensar de sua época. O exercício de apreender o sentido dos textos, de acordo com Chartier, torna-se possível através da “análise das representações coletivas e das ligações entre essas representações”<sup>25</sup>. Esses são alguns procedimentos que uma vez adotados evidenciam a necessidade de uma “atitude de questionamento e curiosidade, capacidade de raciocinar, de definir e redefinir problemas, enfim, de dialogar de forma produtiva” com as fontes<sup>26</sup>.

O trabalho com as correspondências, valorizando a experiência social, oferece aproximação com personagens por muitos desconhecidos, com todo o impacto das representações que faziam de si e do mundo e da sua atuação em acontecimentos que até o momento possuíam autoria incontestada. Possibilita, fundamentalmente, compreender a história como construção e o passado, passível de várias leituras críticas, auxiliando na adoção de postura menos dogmática e acolhedora às diferenças inerentes aos processos de vida.

Papéis antigos guardados pelas pessoas, como as cartas, embora sempre tenham sido usados para ler o passado, apenas mais recentemente foram considerados fontes privilegiadas, com grandes possibilidades de serem objetos da pesquisa histórica.

Concomitante a isso, intensificam-se as discussões sobre a sua utilização e análise, com a constituição de centros de pesquisa e documentação destinados à guarda de arquivos privados/pessoais. O retorno para nossa História é um passado melhor decifrado, uma humanização dos chamados “grandes personagens”, a recuperação dos cotidianos que muitos achavam irremediavelmente perdidos quando se foi o último contador daquelas histórias.

Na verdade, os vestígios da atividade humana são variados e, por uma maior abrangência nas concepções sobre o que é importante na História, nossos fragmentos de papel sobre pessoas, instituições e gestos culturais, estão sendo levados em consideração para compor uma memória múltipla, que olha, ao mesmo tempo, para a obra de arte e o utensílio como indissociáveis na compreensão de nossa caminhada no tempo.

Recebido para publicação em maio de 2009.

Aprovado para publicação em junho de 2009.

## Notas

- <sup>1</sup> FRANCO, Sergio da Costa. *Júlio de Castilhos e sua época*. 2 ed.-Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS; MEC/Sesu/PROEDI, 1988
- <sup>2</sup> Edição comemorativa dos 90 anos do Museu Júlio de Castilhos. Coleção Documentos Vivos, publicação da AGE / IEL / IGEL, Porto Alegre – 1993. Destaques para as cartas reproduzidas nas páginas: 25-29 (22.02.1883), 33-35 (27.03.1883), 53-55 (24.04.1883). Os originais encontram-se no Museu Júlio de Castilhos em Porto Alegre
- <sup>3</sup> Acervo do Instituto Histórico Geográfico/Porto Alegre
- <sup>4</sup> A coordenação geral da organização do Arquivo Particular Julio de Castilhos coube à historiógrafa Rejane Penna. Foi auxiliada, em nível de discussão do arranjo e orientação aos estagiários, pelas professoras Cleusa Graebin e Elisabete Leal. Participaram de várias etapas do trabalhos estagiários dos cursos de História do Centro Universitário La Salle, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Faculdade Porto-Alegrense e Universidade Luterana. Com atuação mais efetiva no Instrumento de Pesquisa, trabalharam Camila Silva e Carla da Cruz Moraes.
- <sup>5</sup> STEPHANOU, Maria. Instaurando maneiras de ser, conhecer e interpretar. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, V.18, n.36, p.9, 1998.
- <sup>6</sup> CAMPOS, Edson Nascimento e Cury, Maria Zilda Ferreira. Fontes primárias: saberes em movimento. In: *Revista da Faculdade de Educação*. V.23, n. 1-2, São Paulo, jan/dez.1997, p.2
- <sup>7</sup> PENNA, Rejane Silva. Formação de professores e ensino privado noturno: uma breve reflexão sobre cursos superiores de História. *Opsis* (UFG), v.7, p.279-296, 2008

- <sup>8</sup> ENGEL, Magali. Povo, política e cultura: um diálogo entre intelectuais da Primeira República e livros didáticos atuais. In: Abreu, Martha, Soihet, Rachel e Gontijo, Rebeca (org.) *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p.289-308, 2007, p. 295.
- <sup>9</sup> MUNAKATA, Kazumi. Dois manuais de história para professores: histórias de sua produção. *Educação e Pesquisa*. , São Paulo, v. 30, n. 3, 2004, p. 522. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022004000300010&lng=pt&nrm=so](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000300010&lng=pt&nrm=so)>. Acesso em: 02 Jan 2008. doi: 10.1590/S1517-97022004000300010. FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2004; KNAUSS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. In: NIKITIUK, Sonia L. (org.). *Repensando o ensino de história*. São Paulo: Cortez, 1996; PINSKI, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- <sup>10</sup> PENNA, Rejane Silva. Op.cit.
- <sup>11</sup> PROST, Antoine. Les pratiques et les méthodes. In : RUANO-BORBALAN, Jen-Claude (Coord.). *L'histoire aujourd'hui : nouveaux objets de recherche, courants et débats, le métier d'historien*. Auxerre : Sciences Humaines, 1999, p. 386.
- <sup>12</sup> CAMARGO, M. R. Cartas adolescentes. Uma leitura e modos de ser... In: *Refúgio do eu: educação, história e escritos autobiográficos*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 205.
- <sup>13</sup> VENÂNCIO, Giselle Martins. Cartas de Lobato a Vianna. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.) *Escrita de si, escrita da história*.– Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 113.
- <sup>14</sup> GOMES, Ângela de Castro (Org.) *Escrita de si, escrita da história*.– Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 13.
- <sup>15</sup> Idem, p.15
- <sup>16</sup> Idem, p.53
- <sup>17</sup> Tribitsch, apud Gomes, op. Cit, p.54.
- <sup>18</sup> VENÂNCIO, Giselle Martins. Op. Cit, p. 113.
- <sup>19</sup> Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. *Arquivo Particular Júlio de Castilhos*. Carta de Franklin K. Barcellos para Julio de Castilhos. Pelotas 3/9/ 1900. Série Assuntos Familiares.
- <sup>20</sup> DIAS, C. G. P. Um olhar sobre o livro *Nas margens* de Natalie Zemon Davis: em busca de uma reflexão a partir do gênero biográfico. *Histórica*, Porto Alegre, n. 5. p. 103-110. 2001.
- <sup>21</sup> Carta de José Cândido de Campos Junior para Julio de Castilhos. Caxias, 15/10/1900. Série Correligionários
- <sup>22</sup> Carta de A . R. Gomes de Castro para Julio de Castilhos . Capital Federal [Rio de Janeiro], 5 de março de 1900.
- <sup>23</sup> CHARTIER, R. *Cultura escrita, literatura e história: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre, Jésus Anaya, Daniel Goldin e Antonio Saborit*, 2001, prólogo.
- <sup>24</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural : entre práticas e representações*. Lisboa: Difel/Rio de Janeiro: Bertrand, 1990, p. 37.
- <sup>25</sup> Idem, p. 38.

- <sup>26</sup> CARRAHER, D. W. A grande função da escola: ensinar a pensar. In: *Sala de Aula*, ano 1, nº 3, junho de 1988, p. 30.